MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar
1999 **nº 189**

BENEDITO DE FRANÇA CIPOLLI
SUA VIDA E SUA OBRA



Completado o primeiro centenário do nascimento de Benedito de França Cipolli no ano de 1996, é necessário que se transmitam às gerações dos anos 2000, algumas informações sobre a obra musical do "poeta da flauta", orgulho de Guaratinguetá.

Filho de Mimi (Benedita de Meirelles França), guaratinguetaense, e de Américo Cipolli, italiano, oriundo de Borgo a Mozzano, em Lucca, na Toscana, Benedito de França Cipolli herdaria de seu tio trisavô, Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, uma religiosidade profunda, traduzida em famosas composições que integram o acervo musical da Catedral de Santo Antônio. Entre elas destacamos: Pai Nosso, Ave Maria, Tantum Ergum e um Hino a Nossa Senhora, de uma grande beleza, com letra de sua irmã Maria de F. Cipolli.

Sua musicalidade precoce o tornou alvo de inquietações familiares: aos oito anos costumava desaparecer todas as manhãs, em determinado horário, da casa de seus avós, Capitão Inácio Galvão de Oliveira França e Virgília Augusta Marcondes de Meirelles França, na rua Cel. Virgílio - nº 83 (nessa época seus pais residiam na Fazenda Bom Sucesso, em Roseira) - para assistir a aulas de teoria musical, flauta e flautim, na residência do maestro da Banda Beneficente, Tonico Eulálio (Antônio Eulálio dos Santos). Ao completar doze anos, o maestro desistiu de dar aulas ao aluno, já integrado em todos os segredos da música, a ponto de Benedito de França Cipolli escrever em um de seus cadernos de memória existentes no Museu Frei Galvão: "com doze anos de idade, tendo o prazer de ouvir aqui em Guaratinguetá um concerto do grande flautista Patapio Silva, tive a imensa satisfação de notar que todas as minúcias e segredos da técnica da flauta eu conhecia e executava com perfeição, intuitivamente, pela dádiva extraordinária do Criador!; pois simplesmente aprendera a tocar flauta com um método adaptado de violino".

Com treze anos já tocava na Banda Beneficente de Guaratinguetá. Data dessa época a chegada à cidade de um maestro da Banda Militar de São Paulo, Tenente Antão, que ao escutar a Banda no coreto da Praça do Rosário (Pç. Conselheiro Rodrigues Alves) tentou levar o pequeno flautista para a Banda Militar de São Paulo e, ante a recusa, exclamou

desolado: "era este o flautista que eu sempre sonhei em ter na minha Banda!"

A par de ensaios de flauta dedicava-se, ainda jovem, a pesquisas no campo da eletricidade, construindo um primitivo aparelho retransmissor de música - quando não havia rádios à venda, em Guaratinguetá - e a uma possante estação de rádio amador, uma novidade na época.

Dedicando-se à música e à química, à flauta e à eletrônica, aos acordes perfeitos do violão e à mineralogia, aos segredos do piano e à eletroquímica, essas fascinantes características individuais de artista e cientista fizeram de Benedito de França Cipolli uma das mais encantadoras e controvertidas personalidades do mundo da música e da ciência.

Em 1914, com dezoito anos, recebe o diploma de professor pela antiga Escola Normal de Guaratinguetá, atual Escola de 1° e 2° graus Conselheiro Rodrigues Alves, integrando, em seguida, o quadro de professor na área de modelagem artística. Um fato característico de sua lealdade com os colegas interrompe sua carreira no magistério: o Prof. João Marcondes Guimarães (mais tarde o saudoso Padre Joãozinho com brilhante carreira sacerdotal em São José dos Campos), que igualmente lecionava na Escola Normal, é dispensado da função, para dar lugar a um professor protegido da política alvista local; revoltado com a arbitrariedade administrativa, o professor Cipolli, em sinal de protesto, abandona o cargo. Nunca mais voltaria a lecionar; o clero ganharia o santo padre Joãozinho, e o mundo da música ganharia um flautista exímio, o Dito Cipolli.

Os conhecimentos de Dito Cipolli levaram-no à instalação de usinas como a da fazenda de café do Cerro Alto em Lorena e a Usina Rosário na Fazenda Cordeiro, na divisa de Cunha com Paraitinga, entre muitos outros trabalhos na área, inclusive em Guaratinguetá.

Concomitante à construção de turbinas e dínamos, sua sensibilidade musical extravasaria na composição de valsas, choros, romanzas, canções inspiradas pelo cotidiano de sua terra que ele amava acima dos mais promissores contratos, escrevendo cerca de duzentas músicas relacionadas em nove cadernos manuscritos. Recordação das matas da fazenda paterna, a música "Meu ranchinho" foi levada recentemente para a Europa, por um belga fascinado pela melodia sertaneja.

Dominando, além da flauta, os mais variados segredos do violão, foi procurado em sua casa por um jovem violonista guaratinguetaense que se iniciava na arte musical. Ao ouví-lo, profetizou: você está pronto para seguir uma brilhante carreira. Realmente, Dilermando Reis se revelaria um dos maiores violonistas brasileiros de todos os tempos...

Inveterado pesquisador e codificador de fórmulas científicas, foi contratado para montar uma indústria de subprodutos do alcatrão, em Viradouro, município de Santa Rita do Passa Quatro. Aí outro grande compositor, Zequinha de Abreu, costumava tocar piano todas as noites no salão de recepção do hotel da cidade. Convidado por ele para uma audição de flauta com acompanhamento ao piano pelo próprio compositor, no meio do sarau e dos aplausos, Benedito de França Cipolli iniciou, na flauta, um chorinho dificílimo de acompanhar, dadas às constantes mudanças de tom. Surpreendido, Zequinha de Abreu fechou o piano. Mas, os aplausos redobraram, e os dois músicos voltaram a tocar...

Quando Benedito Cipolli tocou esse mesmo chorinho em uma das festas de aniversário do Dr. Benedito Meirelles, em Guaratinguetá, de quem havia recebido a primeira flauta na

infância, o conjunto musical de outro exímio flautista, Petronilho Ribeiro, não conseguiu chegar ao fim do acompanhamento, tal a velocidade, floreados e intermináveis escalas, primorosamente executadas pela flauta.

Retratou, em suas músicas, várias fases do desenvolvimento social e político de Guaratinguetá, externando, em algumas delas, sua cidadania paulista: "Alerta São Paulo" e "Mulher Paulista" retratam em seu ritmo a vibração revolucionária de 1932.

Inspirado pela poesia de Aliardo Aliardi, poeta italiano, compôs "Perchè", romanza para soprano, e as não menos inspiradas canções: "Doce sonho" e "Saudade..."

Amante da natureza e da mineralogia descobriu, em uma das inúmeras viagens pela Serra da Bocaina, grande mina de caolim. Em meio à pesquisa de minérios, embevecido pelas belezas naturais, comporia entre outras: "Primavera" - valsa, "Saci Pererê" - choro, "Descendo a serra" - valsa, "Flor de outono" - valsa. Durante uma expedição no campo, no ano de 1940, "filosofando sobre a música dos pássaros, daí a alguns segundos um sabiá emitiu uma melodia perfeita, terminando com três notas fundamentais de sua tonalidade", notas que podemos ouvir em sua valsa o "Canto do Sabiá".

Comporia ainda arranjos para flauta, de diversos autores, entre eles: "Brasileirinho" - choro de Valdir Azevedo; "Despertar da Montanha" - tango de Eduardo Souto; sete variações do "Carnaval de Veneza", de Reichert...

O arraigado amor à cidade natal não permitiu que usufruísse o sucesso fora do Brasil. Quando convidado por um dos maiores saxofonistas brasileiros, Ladário - músico cego a quem havia transmitido o grande repertório de peças clássicas através da flauta - para apresentações na Europa, declinou do convite.

Fato idêntico ocorreria em 1954, quando venceu um concurso de flauta patrocinado pelas Emissoras Associadas Tupi de São Paulo, em que se inscreveram candidatos de todo o Brasil, classificando-se em primeiro lugar. De uma simplicidade franciscana, detestando o luxo e as etiquetas sociais, após tocar uma semana na orquestra de Jorge Henri na TV Tupi, abandonou São Paulo, alegando aos mais íntimos não suportar a obrigatoriedade de usar, diariamente, smoking, gravata borboleta e viver fora da idolatrada Guaratinguetá.

Continuaria a tocar flauta no coro da Igreja Matriz de Santo Antônio como vinha fazendo há quase meio século. Bem longe já iam os tempos em que com o progresso, os filmes falados eliminaram a orquestra do cinema Central onde costumava tocar, nos intervalos dos filmes mudos, na companhia de Fego Camargo (pai da apresentadora de TV Hebe Camargo) no violino, Clarimundo Cuba no clarinete, Castro na viola...

Costumava visitar doentes aos sábados. O depoimento é da saudosa poetisa guaratinguetaense, Betina Marino - no Jornal "O Eco" de 8/7/1956 - incluindo em suas visitas, além da sensível poeta, o afamado pintor também de Guaratinguetá, Graça Teixeira. Em uma dessas visitas, no ano de 1955, Graça Teixeira já muito doente, na cama, pediu uma tela e, com os próprios dedos, na presença do amigo, pintou o crepúsculo da vida, oferecendo o significativo quadro ao compositor, que não sobreviveria ao pintor mais do que um ano.

No dia 12 de junho de 1956, quando se preparava para tocar na novena de Santo

Antônio, sentiu fortes dores no peito. Descansou a flauta em um dos dunquerques da sala de visitas do casarão da rua Cel. Virgílio, nº 83. Recostou-se na cama e adormeceu com os antepassados que o rodeavam nos retratos de família, que carinhosamente colecionava nas paredes forradas de papel.

No dia seguinte, com um enorme acompanhamento, seu corpo foi levado para o Cemitério de Nosso Senhor dos Passos onde falaram, à beira do túmulo, o historiador Geraldo de França Bueno, o jornalista Ferreira Júnior, o vereador e escultor Rogério Lacaz, o professor e pintor Ernesto Quissak. Os amigos externariam sua admiração em depoimentos escritos, como o da poetisa Betina Marino: "...aos sábados, infalivelmente, o Dito me fazia uma visita como aliás fazia a todos os doentes...dai-lhe, Senhor, o eterno descanso... e a gratidão dos pobres necessitados que nos rigores deste inverno a sua bondade aquecera". Benedito de Castro escreveria no jornal "O Eco" de 8/07/1956: "Morreu sem agonia, morreu como um passarinho, ele que em vida fora uma patativa, uma das maiores figuras musicais que Guaratinguetá produziu". Confirmaria o Prof. Domingos del Mônaco: "mais uma fulgurante luz na tradição de nossa Guaratinguetá para orgulho de todos que com ele conviveram... executor invejável, inspirado compositor, não fora o seu natural retraimento, sua invencível modéstia e seu desprendimento inacreditável, seu nome seria um nome nacional... não morreu, está mais vivo do que nunca na história de nossa querida Guaratinguetá". E Rogério Lacaz Filho concluiria, em seu elogio fúnebre: "perdeu Guaratinguetá um cidadão de peregrinas virtudes, artista de largos recursos. Jamais alguém poderá ultrapassar-lhe os méritos. Guaratinguetá não mais ouvirá aquelas melodias, aqueles acordes maravilhosos que sua flauta sabia encher de beleza a alma da gente, nas serenatas inesquecíveis das noites enluaradas como a transmitir-nos um pouco de sua alma nos encantos divinais da música que tanto soube cultivar e interpretar como artista perfeito".

Representantes da Câmara Municipal, da imprensa, de instituições educacionais e religiosas, da justiça, da medicina, das artes e das mais diversas camadas sociais de Guaratinguetá, se uniram ao povo para também se despedir, naquele 13 de junho de 1956 - dia do santo padroeiro - de uma das mais expressivas e inteligentes personalidades musicais de Guaratinguetá: Benedito de França Cipolli, o "poeta da flauta", nas inspiradas palavras do Prof. B. D. Coupé.

MARIA ISBELLA MAIA FABIANO

Fontes de Pesquisa: - Depoimento do Prof. Américo de França Cipolli. - Depoimento de Maria Virgília Maia Fortes. - Jornais: O Eco, de 17/6/1956 e 8/7/1956; Correio Paulista, de 17/6/1956 e 24/7/1956; O Combate, de 17/6/1956 e 15/7/1956. - Arquivo "Memória de Guaratinguetá", do Museu Frei Galvão. - Depoimento de Cecília Castro Simas.

Notas: Esta publicação, no mês de junho - aniversário de Guaratinguetá - é uma homenagem do Centro Social de Guaratinguetá e Museu Frei Galvão, ao grande flautista, músico e compositor Benedito de França Cipolli - orgulho de Guaratinguetá - que desde muito jovem enriqueceu com os sons de sua flauta as novenas em louvor a Santo Antônio - Padroeiro de Guaratinguetá. - Do casamento de Maria e Benedito de França Cipolli nasceram dois filhos: Antônio e Benedito. Entre os muitos netos, se destaca Antônio Carlos Cipolli, grande enxadrista guaratinguetaense, premiado em vários torneios estaduais e nacionais.